

Que dia é o batizado?

GERALDO FORBES

Três anos sem Tancredo. Três anos de Sarney. Três anos de crise. Mais ainda, se somarmos o desastrado período do abúlico Figueiredo. E o País resiste. A crise virou uma doença crônica, mas resiste-se. Vamos aos trancos e barrancos, mas vamos. Ou, pelo menos, sobrevive-se.

A constatação dessa evidência ajuda-nos também a resistir, na medida em que ela confirma as extraordinárias potencialidades do Brasil. A confiança e a fé no futuro balançam, mas não caem. Se desse jeito chegamos até aqui, imagine-se só a formidável nação que poderíamos ser, e viremos a ser, se e quando purgarmos a gente que nos desgraça.

Até o próprio sr. Sarney, de nascença ou conveniência, cego para tantas obviedades, consegue ver o que chamou, em sua recente entrevista, de "a crise do Estado". Acontece que, como é seu hábito, o poeta enxerga o cisco no olho do vizinho mas não consegue vislumbrar a craca central a todo o nosso processo de paralisia.

Bem faria o vate se trocasse de estante, à sua frente, a Constituição, tantas vezes por seu grupo conspirada, por um pequeno espelho, em que pudesse ver, claramente vistas, durante todo o dia, em sua verdadeira dimensão, a face e a dimensão da crise brasileira.

É verdade que nem todas as reflexões expostas a este jornal pelo sr. Sarney são desprovidas de sentido e sua entrevista já foi comentada, em um denso e importante editorial na última quinta-feira. O ocupante da Presidência foi, com efeito, capaz de apontar uns tantos dos nossos males.

Faltou dizer, contudo, o começo e o fim desta ópera. Faltou apontar a causa original e a solução final. Faltou reconhecer também o que se criou entre um e outro ponto. Faltou, e é assustador, mostrar qualquer consciência da geléia geral de indeciso desgoverno, em que derrapa e se atrasa um gigante de 140 milhões de pessoas. Eis no que dá a falta de espelho.

O editorial já citado propôs-lhe um exame de consciência. Ora, uma velha e sábia tia definia o exame de consciência

como aquele em que todo o mundo passa por médua. Por isto, e por causa da alienação já tantas vezes demonstrada pelo homem que está na Presidência, a coluna toma a liberdade de tentar ajudá-lo a completar o seu esboço de desenho da crise.

Na verdade, na origem de tudo está a forma de sua ascensão ao poder. O sr. José Sarney tem de ter a mínima humildade de reconhecer que não só não estava, e não está, preparado para o pleno exercício do cargo, como também para ele jamais foi cogitado, quanto mais eleito. Donde lhe falta legitimidade. Não é presidente.

Mesmo as circunstâncias de sua designação, para compor a chapa como vice-presidente de Tancredo, foram meramente casuais. Ninguém queria posto tão desimportante e, sorrateiro, o senador maranhense, que ia cair em disponibilidade e aposentadoria, entrou como reles figurante e como reles figurante entrou, no dia da triunfante convenção do PMDB, no palco do Congresso, medroso e nervoso, quase agachado atrás de Tancredo.

O resto já se sabe e consumada a tragédia de 21 de abril de 1985, em vez de se convocarem, como da tradição constitucional, imediatas eleições presidenciais diretas, a panela de donos da Nova República preferiu trair a vontade popular e cometeu a estupidez de efetivar Sarney, pensando manipulá-lo. O feitiço contra os feiticeiros. A continuação é muito recente, viva e dolorosa para se repetir aqui.

Com o poder jogado em seu colo, o sr. Sarney desandou a gozar de suas delícias e a exercê-lo, como o entende na sua provinciana e retrógrada visão de homem de pouca cultura e duvidosa ética. Além disto, o espertinho, gostando da brincadeira, inventou em sua confusamente, uma falsa legitimidade e por ela dispôs-se a lutar com os métodos que lhe informam a sua formação política.

Seu objetivo é, também, inadmissível para pessoas civilizadas. Resume-se ao exercício do poder como um fim em si mesmo e prevê a utilização de suas prebendas, para sua exclusiva manutenção. E a manutenção de um mesmo grupo no mesmo.

Trata-se de um fenômeno político, hoje restrito à América Latina e à África Negra e, tanto mais agudo, quanto mais atrasada a sociedade ou o grupo dirigente. Em essência o conflito que paralisa o Brasil é o resultado do choque entre esta mentalidade coronelista e clientelista dos governantes, seus apoiantes e uma porção mais atrasada da sociedade com a mentalidade legalista e democrática da outra porção mais adiantada e rica da mesma sociedade.

A solução e única forma razoável de mediar este conflito é a realização de eleições. Com elas, parte dos dirigentes mais incapazes seria decantada e purgada e um novo e legítimo governo, livre do vício original de Sarney, seria capaz de encetar as reformas necessárias, mas que só o apoio da maioria pode sustentar.

Infelizmente, a insensibilidade dos políticos brasileiros é coriácea. Assim, preferem insistir no erro e, parece, darão ainda dois anos para Sarney.

Nas discussões que antecederam a desgraçada votação de março, o argumento principal dos homens do presidente era a necessidade daquele endosso, para que o homem pudesse finalmente governar. Ganhou, pelos motivos que escandalizaram o País, o endosso. E daí? Daí, nada. Nada. Até seu antigo aliado, o senador Marco Maciel, reconheceu: o presidente não tem qualquer plano de governo. Nada.

José Sarney é hoje o príncipe de uma Dinamarca tropical. Vive mergulhado na indecisão e seu reino mergulha de cabeça em assustadora podridão. Tudo vai se emaranhando e nosso Hamlet, com a caneta do poder em uma das mãos e a cavetira da realidade na outra, não sabe o que fazer e assim permanece cata-tônico, perplexo, apavorado. Uma omelete mole recheada com aqueles mariscos do seu Maranhão. Uma certeza de dor de barriga para os de fora. Uma longa noite de pesadelos para o País.

Três anos de Sarney. Três anos de crise. A crise é Sarney.

A ele falta um espelho. Aos constituintes falta vergonha ou coragem. A nós, sobra paciência.

E então? Paciência?

Não foi esta a lição de Tirandentes.